



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O “CASO DO VESTIDO”: UM DRAMA DE GÊNERO

Jorrana Ferreira de Melo
Andréa Morais Costa Buhler

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB - <http://www.uepb.edu.br/>

RESUMO: Não é de hoje que os discursos literários são usados como forma de representação da sociedade de uma determinada época e/ou momento sócio-histórico. A história da literatura, conhecemos, aparece marcada por fortes movimentos de engajamento político. O estudo segue esta abordagem social e política, uma vez que objetiva tecer reflexões de ordem social existente no poema *Caso do vestido*, inserido na obra **A Rosa do Povo**, de Carlos Drummond de Andrade. Este comporta uma forte denúncia no que diz respeito à condição feminina, ou seja, sua opressão no âmbito da dinâmica familiar. Seguindo alguns estudos elaborados, parte-se do entendimento de que a condição feminina não decorre de uma função biológica, mas de uma construção social e histórica.

PALAVRAS-CHAVE: Caso do Vestido; Denúncia Social; Patriarcado.

INTRODUÇÃO

Um dos traços dominantes que urde a obra **A Rosa do Povo**, publicado em 1945, do poeta Carlos Drummond de Andrade é a composição de poemas longos, a utilização do verso livre e o caráter de engajamento sócio-político que este livro enfeixa. A denúncia político-social, marcada pela atmosfera da 2ª guerra mundial, aparece em poemas como *Nosso tempo*, *Morte do leiteiro* e *Idade Madura*. Aderindo a uma métrica mais regular, com 150 versos heptassilábicos (redondilha maior) e 75 dísticos, temos o poema *Caso do Vestido* que se desenvolve seguindo uma estrutura rítmica dramática, principalmente pelo recurso da gradação. O poema se insere no horizonte composicional da denuncia social, uma vez que problematiza as relações familiares e destaca o sofrimento feminino pela opressão do patriarcado. O poema está construído numa tensão dramática crescente, através da qual se podem acompanhar as forças contraditórias que marcam o drama feminino na figura representativa da mãe e esposa traída.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Assim, o nosso estudo adota um percurso investigativo que aborda o teor social e político do poema do escritor mineiro, fazendo valer o método crítico literário em que o social (o externo) se torna imanente à obra (o interno). Começemos, então, a investigar a tônica política do poema.

2 O CASO DO VESTIDO E A ESCRITA DE COMPROMISSO DE DRUMMOND

Pensando a obra drummoniana dentro dos parâmetros do par – por vezes nada pacífico - forma/conteúdo que a história literária em seus critérios condiciona, entendemos que o poeta mineiro alcança em sua obra um equilíbrio entre o estético e a dimensão ética. Podemos dizer, nos termos buscado por Candido (1980), no qual contexto e texto se acham dialeticamente relacionados de modo que a forma serve a representação das forças sócio-históricas e estas servem ao trabalho da linguagem. No livro, **A Rosa do Povo**, o poeta, fustigado por um panorama social e político convulsionado pela 2ª Guerra Mundial e pela ditadura Vargas, trabalha de forma combativa com a linguagem. Neste período, a palavra de ordem para os intelectuais e artistas era a urgência de fazer da arte um instrumento de engajamento político contra a violência do totalitarismo e a favor dos direitos humanos. Ao lado da palavra engajada acha-se a densidade poética marcada por um uso inusitado das metáforas.

É sabido que as produções poéticas marcadas por uma tônica política dominante terminam gerando formas panfletárias de caráter estético esvaziado. Trata-se de produções que se esgotam rapidamente quando um determinado tempo histórico se esvai. É isso que não encontramos nesta obra de Drummond, já que o trabalho formal estético contendo a pauta de seu tempo o amplia expressivamente. Ao que parece, a palavra de engajamento de seu tempo deve se situar lado a lado de um fazer poético que não se cansa de buscar a linguagem inusitada, que tem pressa em superar a “condição de dicionário” das palavras. É por isso que neste livro a poesia metalinguística ocupa também um espaço significativo, a exemplo dos poemas *A flor e a náusea* e *A procura da poesia*. Se o momento exigia a obrigação do



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

engajamento, Drummond, pelo seu fazer poético, superava em sua obra o panfletarismo raso para o qual resvalavam comumente escritores engajados.

Sabe-se que na linguagem poética as palavras tomam significado a partir do meio social que o indivíduo-leitor/escritor está situado, nesse sentido, as expressões ditas poéticas, ganham significados novos e diferentes. O discurso social, histórico e político marcam a poesia drummoniana. Assim, nesta sintonia poética é possível encontrar relações de ideologias que representam o homem e o meio social. O poeta, como nos ensina Adorno em seu estudo “Lírica e Sociedade” (1983), que toma como objeto de trabalho as palavras, é capaz de expor os pensamentos, práticas e ideologias que norteiam o meio social ao mesmo tempo em que procura, através da poesia, uma mudança e amadurecimento das instituições e práticas sociais. Ou seja, a poesia lírica, tencionando os antagonismos, guarda o seu lado utópico.

Na obra, **A Rosa do Povo**, Drummond a compõe principalmente de uma poesia social que o sujeito lírico capta e revela em suas diversidades temáticas e técnicas. Toda a obra comporta representações das inquietações que marcam a sociedade. Temáticas que fazem referência ao passado, ao amor, ao cotidiano, que propõe reflexões existenciais. Estas são marcas claras dos poemas da respectiva obra.

Como um leitor da realidade social do seu tempo, Drummond passa aos leitores da obra os sentimentos que estavam disseminados, a história e o aspecto social que a perpetuavam, o que caracteriza uma obra intrinsecamente relacionada a fatores sociais e históricos. Sabe-se que, para compreender os sentidos de um texto, é preciso, entre outras coisas, conhecer os aspectos da época que marcaram a sua composição por que:

O desmembramento de um texto põe a descoberto problemas e dúvidas que ele próprio nem sempre consegue resolver, simplesmente porque o texto (qualquer texto) remonta a uma ou mais tábuas de referência, cujo conhecimento se torna imperioso quando se pretende chegar aos sentidos ocultos na malha expressiva. (MOISÉS, 1977, p.17).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Sendo assim, seguindo também a orientação de Candido (1980), Adorno (1983), fica claro a relevância de conhecer a dinâmica da relação texto e tecido histórico, afinal, o texto não fala por si próprio. Candido, em seu ensaio “Crítica e Sociologia” (1980), já aponta para esta relação, ressaltando que a abordagem para a crítica literária pode seguir várias nuances sociológicas. O ensaísta aponta para a chave crítica do conceito “Dialética texto e contexto” como a perspectiva mais acertada para a elaboração da crítica literária. Ou seja, o conceito nos diz que não basta apenas identificar uma época ou costume, mas observá-lo como matéria imanente à forma literária. Texto e contexto estão dialeticamente vinculados. Antonio Candido (2006) ressalta que,

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo (p. 15).

A problemática da desigualdade de gênero numa sociedade marcada pela voz ascendente masculina é a matéria social que Drummond assimila e transfigura. Drummond exhibe esse comprometimento de denuncia e crítica social em seu poema *Caso do Vestido*, no qual, se constrói sobre uma visão “crítica e conflitiva” de um cotidiano privado, que muitas vezes se apresenta alheio ao mundo público. Ou seja, dar visibilidade a um sofrimento privado significa não apenas torna-lo público, mas torna-lo um ato político.

O poema representa a história de uma mãe que narra às filhas a traição do marido que abandona o lar para partir com outra. O poema remete a uma problemática de cunho familiar que é apresentado como uma zona de desconforto crescente, ao contrário do que se acredita quando se pensa que o lar constitui um lugar de conforto e harmonia.

O poeta, no esforço de politizar as práticas da vida privada, dar visibilidade a desarmonia de um lar focalizando principalmente a dor da mãe e esposa que abandona-se aos cuidados do lar, sem dar-se conta que ali se acha a perda de si mesmo. A maternidade, como



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

aponta os estudos femininos, constitui um dos ditames comportamental para a mulher. Sobre isto nos diz Maria da Graça Braga que

[...] principalmente no século XIX, a mulher aceitou o papel da boa mãe, ainda que isso não tenha se dado de uma forma homogênea. Os novos discursos relativos à maternidade e à família ditaram o perfil dessa mulher, agora mãe dedicada em tempo integral, responsável pelo espaço privado, privilegiadamente representado pela família (2005, p. 12).

Este tipo de perfil criado para a mulher também é reforçado por Alves e Pitanguy (1991) que nos diz que nos meados do século XIX a vida da mulher era regulamentada de acordo com a vontade masculina. Além disto, a ideia de castidade e resignação destilada pelo discurso da igreja era um forte componente na construção de sua identidade. Ao lado disto, ela devia procriar e obedecer às ordens do pai ou do esposo. Com efeito, é este um dos aspectos que se acha representado no poema *Caso do Vestido*. Para melhor se acercar deste poema, (des)costuremos agora o vestido que é metonímia desta situação social que tanto infligiu sofrimento nas mulheres.

3 (DES) COSTURANDO O VESTIDO: UMA DENÚNCIA DA CONDIÇÃO FEMININA

Caso do Vestido é construído em uma estrutura narrativa, o que remete a uma prática antiga, a de contar histórias. Por se tratar de uma narrativa, o poema é arquitetado a partir de três partes fundamentais: prólogo, episódio e êxodo, o que correspondem respectivamente as nove, cinquenta e seis e dez estrofes. Este é organizado a partir de diálogos e monólogos. O prólogo faz referência à parte inicial do poema, o episódio ao desenrolar das ações e o êxodo, por fim, o encerramento.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Antes disso, vale ressaltar que Drummond caracteriza seus personagens a partir da posição social e de gênero que eles ocupam. Fazendo referência ao poema temos: a mãe, limitada e passiva às condições que a sociedade lhe impõe, as filhas, que apresentam um gradativo interesse em descobrir o mistério que rodeio o vestido, a dona de longe, que demonstra um relativo afastamento em relação aos “valores morais” impostos pela sociedade (típica pecadora) e, o marido, caracterizado por uma flexibilidade (liberdade) em relação aos valores, ao contrário mãe. Vamos ao poema.

Nossa mãe, o que é aquele
vestido, naquele prego?

Minhas filhas, é o vestido
de uma dona que passou.

Passou quando, nossa mãe?
Era nossa conhecida?

Minhas filhas, boca presa.
Vosso pai evém chegando.

Nestas primeiras quatro estrofes do poema, que dão início ao prólogo, fica evidente a curiosidade das filhas em tomar conhecimento sobre o mistério que rodeia o vestido que se encontra em um lugar não tão comum, em um prego na parede, e não em um armário. Isso já desperta uma determinada curiosidade. Percebe-se que a mãe estabelece uma resistência para relevar a história que é acompanhada pelo medo do pai chegar e ouvir, uma vez que, a expressão “boca presa” revela a necessidade que ela tem de se manter em silêncio, de não recordar a história, de uma mulher obediente e submissa.

Minhas filhas, mas o corpo
ficou frio e não o veste.

O vestido, nesse prego,
está morto, sossegado.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Com estes versos, a mãe tenta aplacar a curiosidade das filhas. A colocação feita na estrofe, que o vestido está morto, remete à necessidade e obrigação de encerrar o assunto, pois, a relação extraconjugal vivenciada pelo marido suscitaria uma possível dissolução do casamento, o que não poderia ocorrer, pois, a sociedade atribuiu ao casamento uma identidade de unidade básica familiar que não pode ser desfeita. Nesse sentido, a mãe é distanciada de sua autonomia. Não conseguido cessar a curiosidade da filhas, a mãe resolve narrar o acontecido.

Minhas filhas, escutai
palavras de minha boca.

Era uma dona de longe,
vosso pai enamorou-se.

E ficou tão transtornado,
se perdeu tanto de nós,

se afastou de toda vida,
se fechou, se devorou,

chorou no prato de carne,
bebeu, brigou, me bateu,

As estrofes acima dão início ao episódio. A expressão usada por Drummond, “Era uma dona de longe”, dá início a narração da mãe. Esta, por sua vez, é realizada sempre em tom dramático crescente. O termo, “dona de longe” remete-nos duas interpretações: que a dona é inalcançável ao desejo pai, ao mesmo tempo em que, denota a ausência de valores morais, no caso a pecadora. A gradação contribui para a construção dramática do texto que é realizada por meio dos termos “bebeu, brigou, me bateu”. Verifica-se que a explicitação dos atos errôneos do pai, denota a dor e humilhação da mãe. O ápice destes acontecimentos se dá no momento em que o pai pede a esposa (me pediu que lhe pedisse,/a essa dona tão perversa,/que tivesse paciência/e fosse dormir com ele...), depois de seu fracasso, para convencer a “dona de longe” de ficar consigo.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A referência a esta “dona de longe”, que, aliás, é o contraponto dramático que costura o poema, remete ao velho par opositivo que norteia a construção da identidade feminina, no caso a mulher virtuosa e a mulher pecadora, ou como registra o poema, a mulher do demo. Sobre isto, vale a pena reproduzir o trecho abaixo:

Com o advento do cristianismo como religião soberana no ocidente, reforçou-se a idéia da mulher submissa a família, voltada para o lar, virtuosa, seguindo com isso os padrões misóginos gregos, e possibilitando um movimento subjetivo de interiorização e de “abstinência” física da mulher na vida social. [...] A contribuição cristã para a construção da figura feminina, e nesse caso, na construção da figura híbrida da noiva-esposa, apresenta-se bem clara na ambiguidade de sua representação pelos membros do clero... até o final da Idade Média, e que se repercute no imaginário coletivo até nossos dias. De Santo agostinho ao apóstolo São Paulo, reafirma-se isso ora colocando a mulher como ser frígido que se submete aos desejos maritais, ora colocando-a como animal sedutor que precisa de controle, como se os homens não colaborassem para o suposto comportamento pecaminoso que eles descrevem e reprimem... Por um lado, **pintam-nas todas como destinadas a serem boas mães, seguindo o exemplo da Virgem Maria, naturalmente zelosas com seus filhos e com a casa, obedientes ao extremo a seus maridos e pais, e por “natureza”, sendo assexuadas e abstênicas.** Já por outro, elas têm sua natureza, seu “eu”, conectado diretamente a figura do demônio, ao primeiro pecado da primeira mulher, Eva. São representadas também como objetos de tentação, disseminadoras de conflitos e doenças, criaturas inconstantes e indecifráveis tanto no corpo como na mente, ora infantis, tolas, ora megeras vingativas, assassinas ciumentas e furiosas. [...] Uma mulher sem família, sem pai, marido e filhos é um ser “não humano” e antinatural, ameaçador à ordem vigente. Mesmo as viúvas, as velhas, as solteironas e tantas outras representações dadas às mulheres durante séculos que não a de esposa e filha, apresentam em si certa dificuldade de encaixe dentro da estrutura social. (ROBERTS, 1998, p.80, grifos nossos).

O logo trecho esclarece este par moral opositivo que norteou discursivamente a construção da identidade feminina. No poema, a mulher do demo é aquela que não tendo família flutua sem encaixe na estrutura social. No lado oposto, no horizonte deste ideário



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

cristão, temos a boa mãe e esposa decalcada no modelo de virtuosidade. Aquela que ainda traída, obedece a vontade do marido:

Minhas filhas, procurei
aquela mulher do demo.

E lhe roguei que aplacasse
de meu marido a vontade.

Vale ressaltar que a dramaticidade em o *Caso do Vestido* ganha mais força pelo viés da contradição, tendo em vista que, há um contraste na narrativa no que concerne ao prólogo e ao episódio, pois, no primeiro é evidente uma tentativa de calar-se e, o outro, a mãe expressa com muita emotividade a traição paterna. Acerca deste aspecto da poesia drummoniana, Marlene de Castro Correia acrescenta que “a tensão entre essas duas forças – o furtrar-se e o expandir-se –, o conflito entre a tendência à desordem passional e a tendência à ordem intelectual que a refreie contagiam a poesia de Drummond de inconfundível dramaticidade” (2002, p. 31). Nesse sentido, a tensão existente entre o prólogo e o episódio contorna o poema com dramaticidade. A esposa traída explode, apesar de ser direcionada ao silêncio:

visitei vossos parentes,
não comia, não falava,

tive uma febre terçã,
mas a morte não chegava.

Fiquei fora de perigo,
fiquei de cabeça branca,

perdi meus dentes, meus olhos,
costurei, lavei, fiz doce,

minhas mãos se escalavraram,
meus anéis se dispersaram,

minha corrente de ouro
pagou conta de farmácia.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Nestas estrofes fica claro o sofrimento da mãe após perder o marido para a “dona de longe” mostrando a “via crucis” vivenciada. O sofrimento é enfatizado a partir de elementos sequenciais (visitei; tive; fiquei; perdi; costurei; lavei; fiz) utilizados por Drummond que promovem ritmicamente o clímax da penúria materna. O dístico, ‘Fiquei fora de perigo/fiquei de cabeça branca’, quebra por um momento o sofrimento da mãe, no entanto, as estrofes que seguem retomam as ações feitas para a sobrevivência.

O poema segue com a narração da mãe, ao qual diz que a “dona perversa”, ou seja, aquela que traz o desarranjo do lar sagrado, um dia lhe aparece pedindo perdão, constatando-se, dessa forma, uma reviravolta nas ações. Uma vez que esta considerada “soberba”, superior, se encontra em um patamar inferior, pedindo perdão àquela que fizera mal. A pulsão, o desejo, a proibição marcam o *Caso do Vestido*. O sofrimento materno é gerado em torno disto e, ao final, a “Dona de longe” se torna vítima do amor (Eu não tinha amor por ele,/ao depois amor pegou).

Aqui trago minha roupa
que recorda meu malfeito

de ofender dona casada
pisando no seu orgulho.

Recebei esse vestido
e me dai vosso perdão.

A “Dona de longe” reconhece o erro cometido em vista dos valores atribuídos socialmente para essa prática. Esta oferece o vestido em troca em troca do perdão, a mãe, entretanto não o verbaliza. “Olhei muito para ela,/boca não disse palavra./Peguei o vestido, pus/nesse prego da parede”, estes dísticos respondem conclusivamente à pergunta inicial feita pelas filhas, cessa a curiosidade de entender o porquê de um vestido está pendurado e encerram o episódio. Vale salientar que a aceitação do vestido sugere um possível perdão.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Ela se foi de mansinho
e já na ponta da estrada

vosso pai aparecia.
Olhou pra mim em silêncio,

mal reparou no vestido
e disse apenas: — Mulher,

põe mais um prato na mesa.
Eu fiz, ele se assentou,

Verifica-se uma sincronia entre a ida da “Dona de longe” e a volta do pai. A chegada do mesmo é concebida naturalmente e ações patriarcalistas podem ser verificadas, pois, não há sequer uma explicação pelo qual ele havia traído. A imposição é feita, a mulher, sempre obediente e submissa, corresponde. É imprescindível ressaltar que só há um sentimento de paz com a volta do marido. Os erros não sobressaem diante da relevância imperiosa de manter os papéis e a ordem familiar colocados em pauta pela sociedade. A subserviência da boa esposa marca veementemente *Caso do Vestido*, que, ainda que abandonada e traída, se sente acalentada com a volta do marido:

O barulho da comida
na boca, me acalentava,

me dava uma grande paz,
um sentimento esquisito

de que tudo foi um sonho,
vestido não há... nem nada.

Em uma sociedade baseada no *Pater* famílias, é destinado à mulher o dever de obedecer ao marido, de cuidar da casa, da família. É realmente chocante que as relações desiguais de gênero criem uma situação social violenta ao ponto de a mulher quase celebrar o retorno do marido para casa. A sensação de ver a tranquilidade restabelecida, a ordem



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

doméstica restaurada, a faz esquecer a traição do marido, ao tempo em que se torna vitoriosa no jogo correspondente ao triângulo amoroso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Intencionalmente ou não, Drummond conseguiu fazer de sua obra, **A Rosa do Povo**, um forte instrumento para repensar e/ou denunciar aspectos sociais, ideologias dominantes. O *Caso do Vestido*, um dos poemas que compõe a obra, é revestido de um discurso literário denunciativo da condição submissa da mulher e dominação patriarcal. Elaborado em uma linguagem metafórica, o poema drummoniano, passa a ser rotulado como instrumento de reflexão social e existencial. Neste sentido, o presente trabalho objetivou tecer considerações políticas e sociais acerca do *Caso do Vestido* e colaborar com as discussões existentes em torno da obra drummoniana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Lírica e Sociedade**. São Paulo: 1983.

ALVES, B. M., & PITANGUY, J. **O que é feminismo?** (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 1991.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. 41^o Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BRAGA, Maria da Graça. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 10, 2005.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9^a Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CORREIA, Marlene de Castro. **Drummond: a magia lúcida**. Rio de Janeiro: 2002.

LEITE, Sebastião Uchôa. Drummond: musamatéria / musa aérea. In: Carlos Drummond de Andrade: coletânea organizada por Sônia Brayner. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. 5. ed. São Paulo: Cutrix, 1977.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ROBERTS, Nickie. As **Prostitutas na História**. Rio de Janeiro: Record/Editora Rosa dos Ventos, 1998, p, 80.